

O estar e o não lugar no mundo

*Gabrielle Da Cunha**

Este relato é baseado nos relatos e observações de campo ocorrido entre os anos de 2019 e início de 2020 a partir da experiência migrante de uma refugiada síria, que é uma das interlocutoras da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, intitulada “De Homs à Itapira: o deslocamento de famílias refugiadas sírias ao interior paulista” e tem o intuito de gerar reflexões sobre as mudanças trazidas pelo deslocamento nas relações familiares, nas relações com a sociedade em que a refugiada está inserida e o cotidiano dela nesse contexto da pandemia da Covid-19. Os nomes citados no texto são fictícios.

-&-&-&-**

Junho de 2020. Mais um dia, levanto, faço o café, ouço os gritos das crianças brigando pelo controle da tv, dou o que comer a elas, elas ligam meu celular e do meu esposo para as aulas online, arrumo a casa, faço o almoço, ufa! Descanso no sofá, olho minhas redes sociais, lavo a louça, faço o café da tarde, cuido das crianças, faço a janta, lavo louça do jantar, sento para descansar, ouço notícias da Síria e sobre a pandemia da Covid-19 na cidade, arrumo as crianças para dormir e vou dormir.

Com quatro filhos, morando num país e cidade diferente, vivo um dia de cada vez... quando as crianças crescerem terei mais tempo, sempre falo pra mim: “Mariam, quando eles crescerem você fará tudo o que quiser”, uma forma de eu não desabar perante tantas ocupações e me conformar que se hoje renego minhas vontades, um dia as realizarei.

Embora tenha minha mãe e irmão vivendo na mesma cidade, me sinto muito só, não tenho com quem falar sobre coisas de mulher, da vida, das crianças.

Deixei muitas amigas na Síria, a constante visita a familiares, amigos que faziam parte da minha rotina na Síria não faz parte da minha rotina no Brasil.

A cidade em que habito é no interior de São Paulo, é bem antiga e bem conservadora não só nos prédios antigos que encontramos no centro da cidade, mas também na forma como as pessoas pensam e se relacionam por aqui. Sou estrangeira, sou a estranha e na minha vizinhança, nem bom dia me dão.

* *Mestranda em Antropologia Social pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Pesquisadora do LEM-UFSCar (Laboratório de Estudos Migratórios).*

** *optou-se por manter a narrativa desse relato tal qual recebemos, respeitando a composição das frases e sua organização gramatical originais (nota do editor).*

Certa vez vi o sr. Roberto, vizinho da casa ao lado, correr fechar o portão quando eu passava só para não conversar ou dar bom dia, na Síria ouvia falar que os brasileiros eram hospitaleiros e percebo que não são todos os brasileiros que o são.

Somos árabes católicos romanos, na Síria, éramos poucos, mas aqui no Brasil, como cristãos, fazemos parte da maioria da população, mas fui poucas vezes à igreja aqui no Brasil, não sinto fazer parte da comunidade e faço minhas orações em casa, com a família.

Na Síria, antes da guerra não sentíamos tanta diferença entre cristãos e muçulmanos, mas no decorrer da guerra, essa diferença foi realizada e delimitada, meus sogros tiveram a casa explodida por um homem bomba da ISIS, eles e minha cunhada moravam na área comandada pelo grupo no início da guerra, além do conflito, precisamos escapar da perseguição religiosa que o grupo extremista Estado Islâmico começou a empreender contra os cristãos, que quando não nos matava nos escravizava e se apropriavam dos nossos bens.

Meu sogro era muito bem-sucedido, e saiu sem nada da Síria, seu último investimento foi a compra das nossas passagens de avião para o Brasil.

Minha chegada ao Brasil também não foi fácil, cheguei grávida, havia me casado recentemente, e morei na casa da tia do meu esposo com seus pais, irmãs e conhecidos nossos, que foram acolhidos na casa da tia Ema, que também é imigrante síria e chegou ao Brasil na década de 1940.

Nessa casa minha vida era muito escura, pois minhas cunhadas não me tratavam bem, um dos amigos da família tentou dar golpe no meu esposo, e tive três filhos, era difícil, reclamavam do barulho das crianças, queriam que meu esposo deixasse de comprar coisas para as crianças para dar a eles e eu era a culpada, a culpada por meu esposo não garantir economicamente a vida das minhas cunhadas e sobrinhas como ele fazia antes de se casar comigo.

Graças a Deus já faz três anos que moramos numa casa só minha família, meu esposo que é engenheiro elétrico abriu uma loja de conserto e faz instalações elétricas em casa e empresas. Ele também sofreu bastante quando chegou ao Brasil, ele até tentou trabalho em empresas mas as que queriam empregar ele queriam o contratar com um salário muito, muito baixo.

Ouvi dizer que isso acontece com refugiados aqui no Brasil, os brasileiros querem aproveitar da mão de obra e lucrar muito em cima da gente, ainda bem que Raji, meu esposo, é muito inteligente e fala muito bem português e sabe das leis do Brasil.

Quando na tv brasileira o assunto da Guerra na Síria e sobre refugiados começou a ser frequente, muitos jornais da cidade vinham nos entrevistar, conseguimos bolsa em escola particular para nossos filhos, meu esposo ia em escolas para falar sobre a guerra e ficamos conhecidos na cidade. Hoje já não é mais assim, como a tia Ema tem um comércio na cidade, já não foi fácil conseguir bolsa na escola particular para minha filha mais nova, pois pensam que a tia ou a gente pode pagar, já que meu marido tem uma loja de conserto de eletrodomésticos e faz serviços na cidade.

É assim, nos enxergam quando convém, somos refugiados em alguns momentos, em outros somos cidadãos normais da cidade, para acolhida e acesso à cidade e a direitos somos estrangeiros, para pagar algo somos como qualquer brasileiro.

A vida no Brasil não tem sido fácil, mas podia ser muito pior se estivéssemos na Síria, ou em campos de refugiados no Líbano, ainda mais agora na pandemia, apesar das dificuldades gosto daqui e não vejo um futuro a não ser no Brasil.



Ilustração de João Henrique Cadoni Negri